

FMI quer acordo com México

Washington (Do enviado especial)— Terminaram ontem sem nenhum progresso para a causa dos devedores as reuniões preparatórias à assembléia anual do Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial, que será aberta hoje na expectativa de que o México e os bancos credores possam ter chegado a um acordo à noite, abrindo caminho para as próximas renegociações de dívida, inclusive do Brasil.

Em entrevista no início da manhã, o diretor-gerente (demissionário) do FMI, Jacques De Larosière, reafirmou as tradicionais colocações sobre a importância de haver maior compreensão da parte dos bancos emprestadores para com os países que se sujeitam a programas de ajustamento econômico, repetindo declarações formais sobre necessidade de

impedir o aumento do protecionismo e — única novidade — dizendo que o acordo com o México terá que sair. Reafirmou-se também a preocupação com as incertezas que ainda existem quanto as bases para um crescimento sustentável da economia nos países industrializados, a começar pela necessidade de levar à prática a redução ao déficit fiscal norte-americano.

EXIGÊNCIAS

Quanto ao endividamento externo, o Comitê Interino concluiu que a implementação da política baseada na retomada do crescimento dos devedores que seguem programas de ajuste interno ainda depende de três exigências básicas: 1) execução de políticas econômicas nos países devedores de forma a aumentar a poupança, melhorar a alocação de recur-

sos e manter a competitividade de suas exportações — 2) expansão dos mercados externos e melhoria do acesso a estes mercados — e 3) apoio financeiro externo de forma adequada para programas de ajustamento “com ênfase no crescimento”.

Ao tratar das dívidas para com os governos dos países que integram o Clube de Paris, o comitê interino deixou claro que não há espaço para a pretensão brasileira de ter um reescalonamento sem passar pelo programa de ajustamento do FMI, mas pelo menos reconheceu que “um número significativo de países altamente endividados obteve progresso em termos de melhorar o desempenho interno e as perspectivas para atrair novos fluxos de capitais”.